

A POESIA DA ESCUTA DOS PARATEXTOS EM *REGRESSO A CASA*

Dulce Helena Melão
Instituto Politécnico de Viseu
dulcemelao@esev.ipv.pt

Resumo

Este artigo centra-se no papel fundamental dos paratextos no livro-álbum de Akiko Miyakoshi *Regresso a casa*, encarado como tela onde ecoam representações do silêncio e da ternura, acolhendo os leitores e incrementando o prazer de ler. Assim, o artigo norteia-se pelos seguintes objetivos: i) indagar os modos como os silêncios que permeiam as ilustrações narram reencontros de chegadas a casa, investigando os processos de inferência que deles resultam, motivando as crianças para a leitura; ii) compreender o papel da representação dos espaços erguidos no cruzamento das ruas da cidade com as casas que aí ganham corpo, abrigando quotidianos e rotinas tecidas de solidão e/ou ternura. Para cumprir estes objectivos, centramo-nos nos paratextos do livro-álbum, de modo a descobrir a confluência de vozes e de silêncios que os permeiam, rerepresentando-os e valorizando-os como mobilidades do pormenor que captam a imaginação dos leitores. O artigo conclui sublinhando a importância de encarar os paratextos como poesia que dá abrigo a serenidades, permitindo escutar silêncios guardados em espaços do quotidiano. Ao sussurrarem ternuras que alimentam os leitores, os paratextos instigam o prazer de ler, abrindo múltiplos caminhos de fruição que podem ser partilhados com as crianças, reiteradamente, a cada releitura deste livro-álbum.

Palavras-chave: Livro-álbum; Paratextos; Poesia; Silêncio; Espaço.

THE POETRY OF LISTENING TO THE PARATEXTS IN *THE WAY HOME IN THE NIGHT*

Abstract

This article focuses on the fundamental role of the paratexts in Akiko Miyakoshi' picturebook *The way home in the night*, viewing it as a poetic canvas where representations of silence and tenderness echo, welcoming readers and fostering reading for pleasure. Thus, the aim of this article is to shed light on: i) the ways in which silences that pervade the illustrations narrate reunions of arrivals at home, investigating

the processes of inference that result from them, nurturing childrens' reading motivation; ii) the role of the representation of the spaces raised at the intersection of the city streets with the houses that take shape there, welcoming daily life and routines made of loneliness and/or tenderness. To fulfill these aims, we focus on the paratexts of the picturebook, in order to discover the confluence of voices and silences in the spaces they travel through, re-presenting them and valuing them as mobilities of detail that capture readers' imagination. The article concludes by underlining the importance of paratexts as means of poetry that welcomes serenity, making it possible to listen to silences kept in spaces that involve us in our daily lives. By whispering tenderness that nurtures readers, paratexts welcome reading for pleasure, opening multiple paths of fruition that might be shared with children, repeatedly, each time they reread this picturebook.

Keywords: Picturebook; Paratexts; Poetry; Silence; Space.

Introdução

Neste artigo centramo-nos no belíssimo livro-álbum *Retorno a casa* (MIYAKOSHI, 2019), obra de características invulgares pelos modos como nos faz repensar a poesia da escuta das vozes e dos silêncios dos paratextos – lugares privilegiados de reencontros com a infância e os olhares permanentemente novos que nela se implicam. Os paratextos do livro-álbum, mormente as ilustrações, assumem-se como raízes sustentadoras de uma história que acolhe os leitores com a simplicidade aparente de que se vestem as honestidades generosas implícitas em cada nervura da “casa” redesenhada.

Realizamos, primeiramente, um breve enquadramento teórico, que dá abrigo a esta reflexão, focando o contributo da narrativa visual enquanto espaço híbrido que embriaga os sentidos aí desvelados, de modo multifacetado e intenso – prolongando-os e interpelando os leitores. Em segundo lugar, procuramos compreender: i) os modos como os silêncios que ganham corpo nas ilustrações narram reencontros de chegadas a casa, indagando os processos de inferência que daí resultam (selando pactos de leitura); ii) a relevância da representação dos espaços erguida no cruzamento das ruas da cidade com as casas que aí se perfilam, acolhendo quotidianos e rotinas eivadas de solidão e/ou

de ternuras. Para cumprir tais objetivos, incidimos, de modo vivo, nos paratextos do livro, na esteira de Genette (1982; 1987), de maneira a descortinar a confluência das vozes e dos silêncios que os atravessam, rerepresentando-os e valorizando-os como mobilidades do detalhe que favorecem deambulações do olhar.

Concluimos que este livro-álbum promove experiências da leitura subtilmente raras, pela poesia reconstruída no traço da autora, lançando ampla luz nos itinerários pelos quais cada leitor decida enveredar, mas, sobretudo, recordando-lhe que a colheita do lavrado nos paratextos responsabiliza cada um de nós a plantar generosidades.

Livro-álbum: venturas antecipadas

Na última década têm vindo a lume vários estudos sobre o livro-álbum, sendo sublinhadas algumas das características inusitadas que o configuram enquanto objeto estético com enormes potencialidades para a fruição da leitura (PANTALEO, 2015; RAMOS; MADALENA; COSTA, 2019). Pleno em versatilidade, o livro-álbum contemporâneo alimenta uma relação interdependente entre texto e imagem, de cariz plurissignificativo, mobilizando múltiplas interações, num apelo permanente à atenção dos leitores – reiterando hospitalidades e reencontros com o inesperado.

Colomer, Kümmerling-Meibauer e Silva-Díaz (2010) sublinham o incremento do interesse por este tipo de livro por parte dos professores e dos educadores, dadas as metamorfoses que tem sofrido ao longo do tempo, proporcionando cruzamentos cada vez mais profícuos entre códigos escritos e visuais. Em nosso entender, exemplos vivos de tais entrelaçamentos podem ser revisitados nos livros-álbum da autoria de Oliver Jeffers (JEFFERS, 2019; 2013), Vanina Starkoff (STARKOFF, 2017; 2010), Isabel Minhós Martins (MARTINS, 2017; 2010), Chema Heras (HERAS, 2010), Simona Ciraolo (CIRAOLLO, 2019; 2017), André Neves (NEVES, 2016; 2015), entre outros.

O livro-álbum – matéria desta reflexão – é constituído por uma mescla de páginas sem texto, abrigando ilustrações, e outras com sequências verbais muito curtas. Nesse sentido, entendemos que alguns dos aspetos vincados na literatura de especialidade sobre o livro-álbum sem texto colhem, aqui, particular relevância. Acresce a reconhecida dificuldade de delimitações conceptuais precisas face à hibridéz e à diversidade que caracterizam o livro-álbum (ARIZPE, 2013; BECKETT, 2012), ainda em plena redescoberta. Deste modo, consideramos que o livro-álbum em análise pode

ser encarado enquanto “livro-álbum quase sem palavras”, conceituado por Bosch (2012) como narrativa constituída sobretudo com o apoio de signos visuais, mas incluindo algumas palavras nas suas páginas (desde palavras soltas a frases, parágrafos ou mesmo algumas páginas de texto). No entender da autora, algumas palavras não são imprescindíveis para a compreensão da mensagem, mas outras podem ter uma função relevante, pelos modos como possibilitam contextualizar a história, interagindo com as ilustrações. Face ao exposto, na breve síntese que se segue, procuramos elencar alguns dos aspetos que merecem atenção no que à narrativa visual respeita, apontando linhas de reflexão que serão retomadas ao longo da análise.

No estudo que dedica aos livros-álbum *Um dia na praia* (CARVALHO, 2008) e *Sebastião* (BACELAR, 2005), Pinheiro (2010) salienta a importância do que se cala, veiculando-a ao incremento da imaginação do leitor e destacando a importância do discurso não verbal para o desenvolvimento de exercícios inferenciais, intertextuais e interartísticos que se estendem para além do linguístico. A autora atribui muita relevância ao paratexto enquanto condição de reforço da observação dos leitores, repercutindo-se na fruição do texto.

As potencialidades da narrativa visual na promoção da escrita criativa são, por devido turno, destacadas por Pereira (2012) no âmbito do desenvolvimento de um projeto contemplando práticas pedagógicas desenvolvidas em contexto de sala de aula (1.º ano de escolaridade). Tendo como fulcro a seleção de três livros-álbum sem texto, a investigação realizada permitiu frisar o modo como contribuem para o desenvolvimento da imaginação dos alunos, consolidando a formação de leitores ávidos de mundos.

Bosch (2015; 2012), na investigação que dedica ao livro-álbum sem texto, salienta-lhe o carácter inovador e permanente evolução, procurando, sobretudo, destacar os desafios imbricados na leitura da narrativa visual, na medida em que solicita a atenção permanente dos leitores, estimulando-os a estabelecer uma rede de conexões entre texto e ilustrações. A investigadora vinca, igualmente, a complexidade de que se reveste essa teia plurissignificativa, mobilizando a realização de inferências a partir das relações de ordem espacial e temporal imbricadas em tal narrativa.

Na reflexão que realizam sobre livros-álbum sem texto de autores portugueses, Ramos e Silva (2017) realçam-lhes a natureza sofisticada, sublinhando a necessidade da participação ativa dos leitores relativamente ao descortinar dos múltiplos sentidos que

vão permeando a contemplação dos mundos que as ilustrações possibilitam abarcar, de modos muito amplos. A análise e seleção de um *corpus* ligado ao tema da água, dando conta “(...) da representação dos elementos aquáticos, em sentido literal e simbólico mas também dos complexos processos de leitura que são inerentes a essa modalidade editorial” (RAMOS; SILVA, p. 135-136), possibilita às autoras inferir que tais narrativas visuais apelam a pactos de leitura de alguma exigência – pela multiplicidade de relações que nelas se entrecem, promovendo permanentes descobertas e incitando releituras.

Centrando-se, especificamente, na coleção “Imagens que contam”, da Editora Pato Lógico, Ramos e Rodrigues (2018) refletem sobre o caráter versátil dos elementos paratextuais e temáticos dos livros que integram tal coleção. A substituição completa da imagem pelas palavras permite, de acordo com as autoras, dar lugar a exercícios interpretativos de alguma complexidade, num processo de cocriação dos sentidos da narrativa por parte dos leitores (exigindo a sua participação, de modo muito ativo).

Lysaker (2019) considera ser absolutamente necessário conceder maior atenção ao livro-álbum sem texto pelo modo como pode promover, em crianças dos 3 aos 6 anos, o descortinar de múltiplos sentidos que possibilitam a realização de inferências através do incremento da imaginação, contribuindo para que seja criada maior cumplicidade com a história narrada. A relevância do livro-álbum sem texto para o desenvolvimento de práticas de literacia emergente é igualmente vincada pela autora não só em contexto educativo, mas também em família, potenciando leituras permeadas de afetos.

Regresso a casa: entre as vozes e os silêncios dos paratextos

Regresso a casa (MIYAKOSHI, 2019) chega-nos pela mão da editora Orfeu Negro, sendo o primeiro livro publicado em Portugal pela autora japonesa. As diversas distinções que (re)colheu – uma Menção Especial do Prémio Bologna Ragazzi, em 2016; o prémio de Melhor livro ilustrado para crianças (New York Times, 2017) – representam a justa recompensa da belíssima obra de arte que oferece aos leitores, num embalo inesperadamente doce que implica desembrulhar quotidianos.

Em Portugal, integra o Plano Nacional de Leitura (PNL), implementado pelo Ministério da Educação, sendo recomendado para pré-leitores (3-5 anos) e leitores iniciais (6-8 anos). Pelas razões aduzidas adiante, ao longo do artigo, entendemos que o

destinatário da obra é muito mais amplo, dado que o livro-álbum oferece uma panóplia de percursos que dão alento a surpresas e estimulam o desabrochar de novas leituras. Como sublinha Pina (2016, p. 41): “Os livros não são para. Os livros são, pura e simplesmente”.

Neste livro-álbum, os leitores acompanham a caminhada, pelas ruas de uma cidade, de mãe e filho, bem resguardado no colo, regressando casa, ao final do dia. Na simplicidade extraordinária do gesto guardam-se os silêncios que o olhar do filho dará a escutar aos leitores, em exercícios de deliciosa minúcia que as ilustrações ecoam – verdadeiros pousios de ternura, reiterada poesia.

Pela temática escolhida e pelos modos como se vai desdobrando diante dos leitores, consideramos que o livro-álbum proporciona um reencontro feliz com a literatura para a infância, oferecendo múltiplos ensejos de partilhas, plasmadas de afetos. Como sublinha Mendes (2019), importa que as práticas educativas promovam “(...) a constante participação da criança na interpretação do que ouve ler e do que vê nas ilustrações, por mais complexas que se lhe afigurem” (Mendes, 2019, p. 33), dada a crescente riqueza e diversidade que estas ostentam.

A leitura de um livro-álbum sem texto implica-nos num complexo encadeamento de imagens que exige tempo para a sua compreensão, face ao conjunto de interpelações que promove, distintas das implicadas no discurso da narrativa. Neste caso, os avanços, os retrocessos, a elaboração de previsões e a confirmação de hipóteses por parte dos leitores ancoram-se no prazer de reler tudo o que o olhar pode abarcar. Tal sucede, também neste livro-álbum.

Em primeiro lugar, ganha relevo, de modo feliz, o formato generoso do livro, por possibilitar um manuseio amplo do espaço retratado, habilitando as mãos dos leitores a acalentarem o gosto pela textura suave, prenúncio dos modos como o desenrolar da narrativa reverbera abrandamentos.

Na capa e na contracapa de *Regresso a Casa* (MYAKOSHI, 2019) – atuando como um todo indissociável – a rua ampla que se abre diante dos leitores agiganta-se no carinho do abraço entre um coelhinho e a mãe, regressando a casa. O silêncio que veste a rua, onde um candeeiro aceso denuncia ser tempo de acolher descansos, é enorme abrigo de tranquilidade e a escuridão retratada, bonita – como a desenhada, em outro lugar, por Ondjaki (2013) ou a versatilmente desvelada por Munari (2011).

Para a serenidade revelada no traço de Myakoshi muito contribui a paleta monocromática selecionada acentuando, de modo aveludado, nas tonalidades a carvão, texturas de silêncio que tocam os leitores. As luzes que vão brilhando nas janelas de algumas casas, no seu serpenteio, convocam demoras do olhar, burilando apaziguamentos em final de dia. A calma retratada, com extraordinária leveza, dá abrigo a subtilidades que reverberam carinhos, envolvendo os leitores em melodias doces.

A colocação espacial do título merece-nos, também, reparo. Inscrito a branco no pavimento e iluminando atmosfera suave da noite, parece adiantar-se ao passo da mãe, assim criando laços de cumplicidade com os leitores, numa proximidade envolta em regressos – relembrando-nos, talvez, que “Uma casa está em muitos lugares” (ONDJAKI, 2017, p. 140).

Nas guardas iniciais, janelas jorrando luz (que ganha maior destaque pelo contraste com o tom escuro da fachada do prédio que as acolhe) permitem aos leitores observar, com cuidado, pormenores de quotidianos permeados, sobretudo, de solidões. Através de uma das janelas, avista-se alguém a tocar piano, na sala, vislumbrando-se um relógio a marcar o compasso das horas. Outra janela possibilita antever as demoras silenciosas impressas na pintura de um quadro. Outra, ainda, desvela alguém escrevendo, no sossego amável de uma biblioteca. A extraordinária atenção ao pormenor por parte da autora/ilustradora revela-se, também, quando algumas janelas acolhem, de modo singelo, pequenos vasos de flores, que aí ganham protagonismo e consolidam a atmosfera tranquila vigente – ou emolduram a entrada de uma casa, onde uma cadeira e um casaco pendurado, à entrada, amparam o final de mais um dia. Nas janelas onde impera a total escuridão, o silêncio escutado é móbil para outras escutas, convocando os leitores a fruir imaginações entrelaçadas em curiosidades.

Capa, contracapa e guardas iniciais instituem-se, pois, como subtilezas prévias que antecedem outras degustações da leitura, promovendo movimentos do olhar e privilégios do toque macio da noite que os tons amenos selecionados pela autora possibilitam fruir, de modo a aconchegar os leitores.

As guardas finais reproduzem, com exatidão, as iniciais, replicando silêncios e ecoando os acordes de boa noite que recuperam o inacabamento da narrativa, prevendo o recomeço de novas tranquilidades e apelando à imaginação – para que, fechado o

livro, mãos e olhos repousem, com serenidade, na atmosfera amena da rua parcamente iluminada. E os leitores regressem, porventura, a casa.

Representações dos espaços: itinerários de escuta através das ilustrações

A poesia dos recomeços é retomada através da opção pela repetição, em página dupla, no início do livro, da ilustração que se prolongara na capa e na contracapa – delicadamente mostrando a passagem fina do tempo, no macrocosmo da cidade. Tal sucede através do protagonismo conferido à rua, onde cintilam pausadamente lusco-fuscus que antecipam os descansos resguardados nas amplas janelas, aí desenhadas. Os silêncios, reiteradamente reabertos, abrigam toda a atenção de quem lê. Deambulações do olhar são promovidas de maneira intensa. Duas linhas repousando ao fundo da página, aproximam-se dos leitores, sussurrando-lhes de mansinho: “Está tudo tão quieto. / Não há ninguém na rua” (MYAKOSHI, 2019, s/p).

Os espaços interiores que, com cuidado, vão sendo representados no desenrolar da narrativa, assumem-se como telas vivas que aguardam, generosamente, a apreciação dos leitores – medi(a)da pelo olhar atento do coelhinho, enquanto se desloca pela cidade, ao colo da mãe. Deste modo, é possível, por exemplo: i) “escutar” alguém que, em casa, fala ao telefone – “Oh! Consigo ouvir uma conversa” (MYAKOSHI, 2019, s/p); ii) sentir os aromas de uma tarte a sair do forno, na cozinha – “Cheira tão bem” (MYAKOSHI, 2019, s/p); iii) partilhar o descanso de quem já chegou a casa, olhar colado no ecrã do televisor, na sala; iv) assistir a uma festa que anima o fulgor de uma janela bem iluminada; v) acolher o adeus de quem se despede, no hall de entrada de uma casa. Cada um destes espaços surge emoldurado num quadro que apela a demoras, na moldura dupla da página onde se desenharam as janelas que permitem a observação atenta dos leitores. A janela da cozinha, subtilmente entreaberta, possibilita, por exemplo, que os aromas da tarte invadam a atmosfera e que os leitores se deleitem em tal doçura. Mas o olhar é também convidado a colher repousos em pormenores como os cestos para frutas e legumes devidamente posicionados numa das paredes da cozinha; ou, então, chamado a deter-se nas pequenas notas afixadas na parede, guardando, carinhosamente, pedaços de quotidianos.

A sala pode, igualmente, ser palco distinto de tranquilidades ou de festa. Assim, no primeiro caso, o respetivo fechamento pode espelhar-se nos amplos e pesados

reposteiros que, emoldurando uma janela, aninham sossegos. No segundo caso, o espaço amplia-se através da opção por lhe conferir maior luminosidade, sobremaneira vincada pelo lustre que ganha destaque no meio dos balões que assinalam uma festa em curso.

A chegada a casa do coelhinho é envolta nas amenidades do espaço do quarto. Desta feita, renova-se o deleite nos detalhes; um pequeno avião, aguardando brincadeiras, aterrou na mesinha de cabeceira; um balão de ar quente, suspenso no teto, aguarda outras viagens; a janela aberta acolhe uma miríade de pequenas janelas, pontos de luz abrigando outras rotinas, outras serenidades. De novo, os leitores colhem alentos, descansos.

A “hora de ir dormir” é assinalada através da multiplicação do olhar em vários espaços que abrigam os sossegos do final do dia e as atividades que, muitas vezes, lhes estão inerentes. São belos os silêncios que aí se escutam, renovando-se atenção ao pormenor que as ilustrações tão bem revelam. Apontamos, em seguida, alguns exemplos que o corroboram.

Numa casa de banho, onde reina a harmonia do traço da autora/ilustradora, alguém descansa, tomando um banho reparador de cansaços. Múltiplos detalhes desabrocham na página: um pequeno vaso com flores, de tonalidade verde pálido, combina com o tapete perfeitamente alinhado, junto da generosa banheira. Um pequeno rádio, disposto no peitoril da janela, ampara a tranquilidade da atmosfera desenhada. Dispensadores de gel de banho, afixados na parede, arrumam descansos que se prolongarão.

Na página seguinte, uma sala abriga outras leituras: confortavelmente instalado num amplo sofá, braço tombado pelo embalo do sono, alguém repousa, de livro aberto no colo (esperando, talvez, o regresso do leitor). Um candeeiro de mesa lança luz sobre o sofá, iluminando leituras que virão.

Tranquilidade distinta aguarda o leitor no espaço subsequente que o movimento do folhear do livro reabre: numa sala bem iluminada, ampla mesa posta para dois acolhe uma tarte pronta a ser servida. Pequenos quadros na parede, um móvel de canto amparando flores e um recém-chegado com uma garrafa de vinho completam o quadro da delícia de partilhas, ao final do dia. Renovam-se cumplicidades inesperadas.

Numa perspectiva diferente da anteriormente desenhada, o retorno ao espaço exterior, a rua da cidade, possibilita escutar uma breve narrativa imbuída de solidões. Retoma-se o fio condutor da partida e uma estação de caminhos de ferro, iluminada na escuridão da noite, acolhe um banco, um viajante e uma mala, envoltos num manto de silêncios – convite a uma reflexão apurada sobre os distintos modos como vamos partindo e chegando a casa. A escuta da imaginação, bem embrulhada em sossegos, dealba aqui, encantadoramente.

No final da narrativa, a cidade cobre, por completo, a dupla página, numa surdina apaziguada pela sobriedade da paleta cromática, alojada no bailado de luzes das janelas dos prédios onde, muitos, ainda não descansam. A sequência verbal instalada na página ameniza o espaço retratado: “É uma noite como qualquer outra, / uma noite especial. / Quando acaba, descansamos” (MYAKOSHI, 2019, s/p).

A narrativa vai, pois, sendo paulatinamente reconstruída entre as vozes e os silêncios dos paratextos, tendo os itinerários de escuta plasmados nas ilustrações um papel fundamental para o estabelecimento de inferências por parte dos leitores, incrementando a compreensão do que leem e proporcionando-lhes momentos de fruição estética eivados de ternura – ilimitadamente transbordando nos limites da página, incapaz de a conter mas sábia no contar.

A pluralidade de espaços que ganha fôlego nas ilustrações, de modos multifacetados, apela a travessias de afetos, amplia a delícia das tranquilidades subtilmente delineadas e renova o fio condutor da narrativa, imbuindo-a de itinerários de permanente busca de regressos a casa.

Considerações finais

No exercício da caminhada – enquanto itinerário singular por lugares que reencontramos no quotidiano ou encarada como partilha deliciosa, ao final do dia, com quem guardamos, ternamente, no coração – podem aportar tranquilidades. Nesta reflexão, procuramos que ecoassem nos diferentes modos como o livro-álbum objeto da nossa leitura possibilita vivenciá-las, de maneiras multifacetadas, através dos paratextos, nomeadamente as ilustrações. Estas contribuem para que o ato de ler que aqui é convocado se destaque pelo caráter invulgar, instaurando uma lentidão amena que vai ganhando apuramentos à medida do leitor que aí ganha morada.

Como sublinha Borges (2017), “(...) a poesia é uma experiência nova a cada vez. De cada vez que leio um poema, sucede a experiência. E isso é poesia” (BORGES, 2017, p. 12). Neste livro-álbum, o regresso a casa desdobra-se em experiências novas que são poesia – no embalo dos paratextos que nos (res)guardam, lançando-nos desafios (inerentes aos modos como encaramos tempos de escuta nos espaços que habitamos). Poesia tecida de generosidades tranquilas, inesperada demanda reconstruída na teia de inferências paulatinamente gerada através do encadeamento das ilustrações, em percursos amenos.

No regresso a casa, os espaços representados, com maior abertura ou serena contenção, possibilitam repensar os detalhes do quotidiano, em movimentos de desaceleração que imbuem rotinas plasmadas, sobretudo, de paz. Na ampla generosidade de pormenores, os espaços interiores possibilitam alimentar lonjuras do olhar que dão profundo alento à imaginação, potenciando a criação de outras narrativas – ocorrendo em paralelo aos doces espantos que os leitores nelas reencontram.

As texturas impressas nas tonalidades a carvão promovem um apelo particular ao toque, possibilitando aos leitores pressentir alusões a tempos que deslizam no folhear das páginas – colando-se às mãos onde se recolhem. Nesse sentido, instauram pactos de proximidade que perduram além da leitura, face aos deslumbramentos quietos de que as ilustrações os revestem – pequenas pausas silenciosas, alojadas no fruir dos mundos que retratam.

Pelo referido, este livro-álbum, prolongamento de amplas doçuras, promove, em permanência, partilhas com os leitores, num processo de amparo mútuo de redescobertas dos significados implícitos numa escuta que vai abrindo caminho às inquietações que baloiçam, dia após dia, no quotidiano. No recomeço, o descanso. Regresso a casa. “Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas” (BARROS, 2016, p. 455).

Referências Bibliográficas

ARIZPE, Evelyn. Meaning making from wordless or nearly wordless picturebooks: what educational research expects and what readers have to say. **Cambridge Journal of Education**, vol. 43, n. 2, p. 163–176, 2013.

- BACELAR, Manuela. **Sebastião**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016.
- BECKETT, Sandra. **Crossover picturebooks. A genre for all ages**. London and New-York: Routledge, 2012.
- BORGES, Jorge Luís. **Este ofício de poeta**. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2017.
- BOSCH, Emma. **Estudio del álbum sin palabras**. Tesis de Doctorado. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2015.
- BOSCH, Emma. ¿Cuántas palabras puede tener un álbum sin palabras? **Revista OCNOS**, n. 8, p. 75-88, 2012.
- CARVALHO, Bernardo Pereira. **Um dia na praia**. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2008.
- CIRAOLO, Simona. **Quero um abraço**, 3.^a edição. Lisboa, Orfeu Negro, 2019.
- CIRAOLO, Simona. **O rosto da avó**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.
- COLOMER, Teresa; KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina.; SILVA-DÍAZ, Maria Cecilia (Eds.). **Cruce de miradas: nuevas aproximacions al libro-álbum**. Barcelona: Banco del Libro/GRETEL, 2010.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes. La littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.
- GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris: Seuil, 1987.
- HERAS, Chema. **Avós**. Ilustrações de Rosa Osuna. Matosinhos: Kalandraka, 2010.
- JEFFERS, Oliver. **Aqui estamos nós. Apontamentos para viver no planeta terra**. 2.^a edição. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- JEFFERS, Oliver. **Como apanhar uma estrela**. Lisboa: Orfeu Negro, 2013.
- LYSAKEN, Judith. **Before words: wordless picture books and the development of reading in young children**. New-York: Teachers College Press, 2019.

MARTINS, Isabel Minhós. **Cem sementes que voaram**. Ilustrações de Yara Kono. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2017.

MARTINS, Isabel Minhós. **A manta. Uma história aos quadrinhos (de tecido)**. Ilustrações de Yara Kono. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2010.

MENDES, Teresa de Lurdes Frutuoso. Educação literária no contexto pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico: da teoria às práticas. **Textura**, vol. 21, n. 45, jan./mar., p. 30-50, 2019.

MUNARI, Bruno. **Na noite escura**. Figueira da Foz: Bruaá Editora, 2011.

MYAKOSHI, Akiko. **Regresso a casa**. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa, Orfeu Negro, 2019.

NEVES, André. **Nuno e as coisas incríveis**. São Paulo: Jujuba Editora, 2016.

NEVES, André. **Malvina**. 2.ª edição. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2015.

ONDJAKI. **Uma escuridão bonita**. Ilustrações de António Jorge Gonçalves. Lisboa: Texto Editores, 2013.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. 11.ª edição. Lisboa: Caminho, 2017.

PANTALEO, Sylvia. Language, literacy and visual texts. **English in Education**, n. 49, vol. 2, p. 113-129, 2015.

PINA, Manuel António. **Dito em voz alta. Entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo**. Lisboa: Documenta, 2016.

PINHEIRO, Maria Amélia Solteiro Martins. **Representação do silêncio em dois álbuns narrativos para a infância**. Dissertação de Mestrado, não publicada. Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/2812>. Acesso em: 29 abr. 2020. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2010.

PEREIRA, Susana Cristina Gonçalves. **Imagens que convidam às palavras: potencialidades da narrativa visual na promoção da escrita criativa. Relatório de Estágio. Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/55621852.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020. Braga: Universidade do Minho, 2012.

RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da. Da água – entre a terra e o ar – em narrativas visuais para a infância. **FronteiraZ**, n. 18, p. 130-147, 2017.

RAMOS, Ana Margarida; RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz. Quando as imagens substituem as palavras: a coleção “Imagens que contam”, da Pato Lógico. **Perspectiva**, vol. 36, n. 1, jan./mar., p. 35-56, 2018.

RAMOS, Ana Margarida; MADALENA, Emanuel & COSTA, Inês. **Tendências contemporâneas da investigação em literatura para a infância e juventude**. Porto: Tropelias & Companhia, 2019.

STARKOFF, Vanina. **Rio acima**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

STARKOFF, Vanina. **Dançar nas nuvens**. Matosinhos: Kalandraka, 2010.